

“MULHER DE PEDRA E DE PRENDAS”: LEITURA DO LIVRO *ESBOÇO DE EVA DE LENILDE FREITAS* ATRAVÉS DA PERSPECTIVA DA CRÍTICA FEMINISTA.

Myrela Lopes da Silva

(UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE)

Amanda Maria Campos Vieira

(UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE)

E assim vou: escrevendo-me nos dias que nascem,
Descrevendo-me nas noites que morrem;
Sendo a mãe que os filhos vela
E sendo os filhos que dormem;
A semente que gera o início
E o fim que a semente gera,
Sendo o útero quase-vício
E o embrião que espera.
Meu nome grito bem alto, para que eu mesma não
negue:
Sou EVA. Seguindo a Eva que ainda me segue.

1. Introdução

Há muito tempo a mulher vem lutando pelo seu reconhecimento, tanto no plano político, como no social e cultural. Através do feminismo, movimento que teve seu marco em 1970 com a publicação da tese de doutorado *Sexual Politics* de Kate Millet, a mulher vem conquistando, cada vez mais, a igualdade de direitos e a vivência humana liberta de padrões opressores baseados em gêneros.

Este movimento veio pôr a nu as circunstâncias sócio-históricas entendidas como determinantes na produção literária, vez que percebeu que o estereótipo feminino divulgado na literatura e no cinema era marcadamente negativo, pois retratava a mulher como objeto, em que esta era subjugada, resignada e sem voz, assumindo um papel de submissa diante da figura masculina.

Devido esta primeira onda do feminismo, no século XIX, muitas mulheres tornaram-se escritoras, no entanto tiveram que se valer de pseudônimos para escapar das retaliações da sociedade marcada pela ideologia canônica e para possuírem sua literatura valorizada, uma vez que,

o preconceito era tamanho, que o simples fato de ter sido escrito por uma mulher apagava o valor que uma determinada obra possuía. Essa primeira face, conhecida como feminina, caracteriza-se pela imitação e internalização dos valores e padrões vigentes. No final do século XIX e principalmente no século XX, a literatura de autoria feminina passou por uma transformação, vez que a escrita é marcada pela conscientização da escritora quanto a sua liberdade e autonomia e a possibilidade de trabalhar e criar sua independência financeira. Ocorreu, assim, a mudança da condição "feminina" para a condição "feminista", em que as mulheres passaram a demonstrar coragem de se apresentarem à sociedade, demonstrando vontades e voz.

É nessa fase que Clarice Lispector é reconhecida como grande escritora, abrindo assim, uma tradição para a literatura de autoria feminina no Brasil. O professor Hélder Pinheiro, em seu ensaio intitulado *A condição feminina em o Esboço de Eva, de Lenilde Freitas* salienta que:

A partir da segunda metade do século XX o número de poetisas brasileiras que, dos mais diversos modos, trazem a público sua produção poética é cada vez maior. Nem sempre essa produção recebe a atenção devida pela imprensa, pelas mais diversas instituições como escolas, associações diversas e pelas livrarias, entidades fundamentais para tornar público o trabalho do escritor em geral. Um fato curioso que demonstra uma certa *desatenção* pela produção poética das mulheres está no fato de as antologias poéticas organizadas ao longo da segunda metade do século XX trazerem um número ínfimo de poetisas. (ALVES, 2011, p.21).

Neste sentido, escolhemos para uma leitura crítica do livro de poesia *Esboço de Eva* da escritora paraibana Lenilde de Freitas, segundo Alves (2011), “a poetisa escreveu, ao longo de quase 30 anos, uma obra sólida, consistente e esteticamente das mais bem construídas dentro de nossa tradição” (ALVES, 2011, p.21). Sua obra selecionada para este estudo, compreendida na face fêmea da literatura brasileira, mostra o eu - lírico em busca da sua identidade, escrevendo a partir de suas experiências pessoais, e não mais dos papéis sexuais atribuídos a mulher pela ideologia patriarcal, debruçando-se progressivamente sobre a sexualidade, identidade e angústias femininas, bem como sobre outros temas especificamente femininos, como o nascimento, maternidade, etc.

Esboço de Eva foi publicado em 1987 e já pelo título, nos leva à associação de duas vertentes, primeiro a “marcante da tradição cultural judaico-cristã, o mito de Adão e Eva, retratado no livro do Gênesis” (Pinheiro, 2011, p.22). Além dessa, percebemos a referência importante ao poema “Esboço de uma serpente” (“Ébauche d’un Serpent”), do poeta francês Paul Valéry. O fato é que a obra contradiz a condição feminina marcada pela submissão estabelecida pela sociedade e apresenta a construção de outra identidade para a mulher: aquela que assume sua própria natureza e seus desejos.

O que pretendemos apresentar é um movimento de tomada de consciência e de realização dos próprios desejos sem se sentir culpada por assumir um novo enfoque e sem ressentimento por

todas as situações a que esteve sujeita pelo “opressor”. O eu - lírico que se mostra nesta obra “se recusa à condição de serva, daquela destinada a obedecer, assumindo seus desejos, buscando saciar sua sede e questionando as formas de interdição a que foi submetida.” (ALVES, 2011, p. 23).

Queremos mostrar, principalmente, as transformações que os textos sofrem ao longo do livro, construindo a imagem de uma mulher inicialmente cheia de dúvidas, angústias e desejos, que finalmente se apresenta ativa, dona da sua natureza e condutora da sua própria vida.

2. Leitura crítica

Tomando como ponto inicial o poema transcrito abaixo, façamos uma breve análise do modo como o eu - lírico se constitui e se expressa, bem como a tomada de consciência da condição feminina enquanto indivíduo em constante formação, rompendo assim, com a tradição canônica, sendo Eva e “Seguindo a Eva que ainda me segue”:

**À semelhança fui feita
e, como as estrelas na unidade
desfeita.
Herdei a fragilidade
daquele em quem sopraram a vida –
eu, parte dele dividida.
Feita de barro que sou,
habitam em mim seres famintos,
pronta prá queda estou:
Deslizo em seus labirintos.**
(FREITAS, 1987, p.18).

Nesse poema, pode-se claramente identificar uma intertextualidade bíblica em Gênesis 2: 18 – 25; a mulher é este ser retirado das costelas do homem e feita à sua imagem e semelhança. Assim, ela é parte de um todo, é uma “unidade desfeita” que herdou do homem, aquele “em quem sopraram a vida”, a fragilidade. O eu – lírico realiza um protesto velado, numa espécie de ironia: a fragilidade tanto atribuída a ela, como ser feminino é, na realidade, advinda do homem, unidade fundamental,

indivíduo em quem se idealiza a completude. Tal fragilidade é, na realidade, herança daquele que se apresenta forte e superior. Segundo Hissa (1999):

Resignação, obediência e passividade são qualidades apreendidas como próprias da natureza da mulher, por força da ideologia, que, valendo-se desses rótulos, passou a encará-la pelo lado da insensatez. Confundida com a criança, em razão de uma suposta fragilidade, a mulher congelou a voz e os sentimentos ao longo dos anos, atraindo para si o estigma da diferença. (HISSA, 1999, p. 505).

Na acepção bíblica, Deus criou a mulher e o homem, um para o outro, iguais enquanto pessoas e complementares enquanto masculino e feminino, nesse sentido, ela foi “parte dele dividida”. No hebraico, as palavras homem e mulher, respectivamente “*ichah*” e “*ich*”, detém o mesmo radical, objetivando expressar tal similitude.

No entanto, habitam nela “seres famintos”, não por culpa, mas por natureza. A condição de “habitar um ser” remete-nos a capacidade de gestação da mulher, de conceber, também, por natureza outro ser faminto, desejoso, cheio de vontades, personalidade; há, assim, esta relação com os desejos reprimidos, renegados e corrompidos seja pela sociedade machista opressora e que se auto intitulava “superior” seja pelas próprias mulheres que abdicavam de seus desejos por serem vítimas passivas de tal opressão. Por ser um indivíduo insaciado o eu – lírico está pronto “prá queda”.

Segundo Fábio Lucas, no posfácio do livro, “Para que Eva chegasse à vertigem do desejo, vai-se expandindo nela a vaidade, os ‘seres famintos’, o fruto proibido de odor intenso, o devaneio, a febre, enfim, a sedução do pecado” (FREITAS, 1987, p.44). Além disso, o fato de “deslizar” pode-se relacionar a modo de como a mulher é flexível e maleável, fazendo referência ainda, a serpente, símbolo da perdição e da sedução do “mito” bíblico de Adão e Eva. O eu – lírico não se “perde” em labirintos, em detrimento disso, “desliza” e sabe desvendar todos os mistérios e caminhos, por mais misteriosos e difíceis que eles possam parecer.

Seguindo nessa linha de inferências acerca dos poemas de Lenilde, passa-se a análise de outro poema contido em *Esboço de Eva*, vejamos o seguinte trecho:

**Um sonho se aloja em mim
que de mim não se distingue -
por onde ele vai e vim
e é em mim que ele se extingue.
Quanta estupidez devo transluzir,**

a quem pensativa, assim me vir.

Aquele que tolheu

o alcance dos meus dedos

saberá mais do que eu

de minha alma os segredos?

(FREITAS, 1987, p.22).

Inicialmente, ao pensarmos este poema, nos “saltam aos olhos” imagens. Primeiro, a questão do “sonho”, o eu – lírico sai da posição de serva, que não escolheu, e busca mudar tal situação, rompendo com a descrição de “mulher-objeto”, para que se assuma/ encontre em uma situação de ser sujeito de sua própria história, para isso, os sonhos que ela possui, precisam ser externados, realizados. Aqueles sonhos que cresciam e morriam com a mulher, por não lhe ser permitido, devido a sua posição submissa, buscar os meios para sua realização.

Eva, enquanto pessoa, mas, principalmente enquanto mulher é o próprio sonho, desta feita, é nela que o sonho se extingue. Só em Eva o sonho nasce e só nela pode morrer. Só “ela” – mulher pode ser atriz desse sonho, se não o for ninguém poderá sê-la. O protesto típico da autora, sempre numa tonalidade reflexiva, seja através de perguntas “saberá mais do que eu de minha alma os segredos?”, seja de afirmações. No exemplo do trecho apresentado, a afirmação do sonho que não “se distingue” do eu lírico, mas só nele se “se extingue” marca “o controle daquilo que lhe é mais íntimo não está mais fora de si” (ALVES, 2011, p.27). Nos dois versos seguintes, a consciência da dureza desta decisão de ser dona da sua própria vida, para comandar sua existência, assumindo sua natureza: “Quanta estupidez devo transluzir”.

“Quanta estupidez devo transluzir/ a quem pensativa assim me vir”, associativamente o pensar do eu-lírico, o pensar da mulher, é necessariamente infundado. A capacidade de pensar, de realizar fundamentações concisas e coerentes, soa como próprio do homem e de sua aparente e indubitável genialidade. A autora realiza, assim, um jogo com as palavras e com a questão da aparência: a estupidez e o ato de pensar são símiles e próprios de um único indivíduo, aqui entendida como a mulher. Como afirma Alves (2011), “merecem destaque os versos finais, uma vez que põem em cheque a possibilidade de algo ou alguém exterior conhecer sua interioridade. Mais uma vez reforça-se a afirmação de uma individualidade, de um sujeito que se assume e sabe de si”. (ALVES, 2011, p. 27).

De modo a finalizar esta rápida leitura do poema em questão, apontamos para um aspecto estrutural que se sobressaiu enquanto temos o texto como objeto de análise. Ao longo do poema repete-se algumas vezes uma série de pronomes possessivos, por exemplo, “mim”, “me”, “minha”; esses pronomes quando postos no texto, simbolizam, enquanto um conjunto, uma possível necessidade de auto-afirmação do eu- lírico, de ser o centro das realizações e dos fatos, uma vez que os pronomes possessivos indicam a que pessoa do discurso pertence o elemento ao qual faz referência, neste caso, os pronomes fazem referência a própria autora, a colocando no centro de tudo que é dito e construído.

**É somente uma lembrança
o que chamei paraíso –
A vinda não me cansou nem cansa:
Agora escolho onde piso.
Na correnteza do rio
banhei o rosto
e na toalha do vento o enxuguei.
Passa tempo passa tempo
cai agosto sobre agosto
que eu troco de fantasia e logo
esquecerei.
(FREITAS, 1987, p.37)**

Nesse poema, já numa fase mais madura de vivência desse eu- lírico, ele se mostra mais indiferente às conjecturas anteriores, já assume sua própria condição. Não há mais sonho, em contrapartida, há resultado de um movimento progressivo de busca de sua identidade e de sua assunção.

O “paraíso” enquanto lugar ideal ou idealizado é tido, neste poema, como algo desconstruído, como uma lembrança. “Agora escolho onde piso”, a partir de todas as mudanças que o narrador implícito sofreu ao longo da caminhada para modificar a sua condição, o resultado a que chegou é o de uma mulher mais forte, corajosa, realizada, que escolhe seu próprio caminho, que realiza seus sonhos e desejos. Existe essa clareza neste verso que resume todo o seu “caminhar

pedregoso de mulher subjugada”, ela banhou o rosto/ enxugou ao vento, o tempo transcorreu e ela mudou sua estória.

Hoje, o eu- lírico usa uma “fantasia”, escolhe quem quer ser, mas logo mudará, esquecerá. Essa “nova mulher” está em “experimento” e experimentando, em processo de rompimento e de assunção de sua nova e escolhida condição: “mulher-sujeito”, àquela que não possui uma única possibilidade de “futuro”, mas que tem a liberdade de viver tudo o que tiver vontade. É uma “mulher de pedra e de prendas”, de trabalho, de lutas, de segurança, de força, mas também, de dotes, astúcias, afazeres e enfeites.

Considerações Finais

Como dito, nosso intuito, neste breve ensaio, foi realizar uma leitura acerca de alguns poemas presentes em *Esboço de Eva*, pela ótica da crítica feminista. Percebemos que a poetisa soube “colher da luta das mulheres pela libertação, pela afirmação de uma identidade própria, pela alteridade não propriamente uma atitude de recusa, de enfrentamento: antes, uma independência quanto aos próprios postulados deste movimento.” (ALVES, 2011, p.29).

Desse modo, olhando a obra sob esse viés, podemos constatar que o discurso implícito nos poemas é conseqüência de um processo de conscientização, não no sentido de panfletagem do movimento feminista, mas traz como alicerce a consciência da situação social da mulher. Este discurso subverte a ordem vigente, questionando papéis sociais, representando a mulher dividida, numa linguagem que também subverte os padrões normais. Como afirma Alves (2011):

A mulher Eva *esboçada* não nega a força da tradicional que ainda a forma, ainda a marca. Não se trata, portanto, de uma ruptura radical com o passado, proposta por muitas feministas, às vezes de modo bastante abrupto. Antes, trata-se de um eu lírico que busca uma alteridade, ser dona de seu destino, o que significa conservar alguma coisa da velha Eva que a habita. (ALVES, 2011, p. 29)

Assim, podemos afirmar que esta obra representa uma tendência altamente significativa do ponto de vista estético e social, pois é uma representação artística da situação da mulher feita por uma mulher, qual seja, Lenilde Freitas. A poesia dessa poetisa paraibana revela, portanto, uma maturidade tanto no plano artístico quanto no plano ideológico, podemos assumir tal maturidade como sendo uma realidade não apenas dessa autora especificamente, mas da mulher da época, que pouco a pouco assumiu seu papel de indivíduo importante e detentor de vontades e desejos.

Referências Bibliográficas

ALVES, José Hélder Pinheiro. *A condição feminina em Esboço de Eva, de Lenilde Freitas.*

Letras em Revista, Teresina, vol. 02, Nº 02, jul./dez, 2011.p. 20-30.

FREITAS, Lenilde. *Esboço de Eva.* Porto Alegre: Roswitha Kepf Editores, 1987.

HISSA, Júlia. Breve reflexão sobre a condição feminina ao longo dos anos. IN: REIS, Lívia de Freitas; VIANNA, Lúcia Helena; PORTO, Maria Bernadette. *Mulher e Literatura: VII Seminário Nacional.* Rio de Janeiro: Niterói, 1999.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. IN: BONNICI, Thomas. ZOLIN Lúcia Osana (Orgs.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas.* Maringá: EDUEM,2003.